

Entre distâncias e proximidades

Relato de experiência sobre a (re) construção da relação com o povo indígena Terena

Aline Oliveira

Doutoranda em Antropologia (ICS-UL)

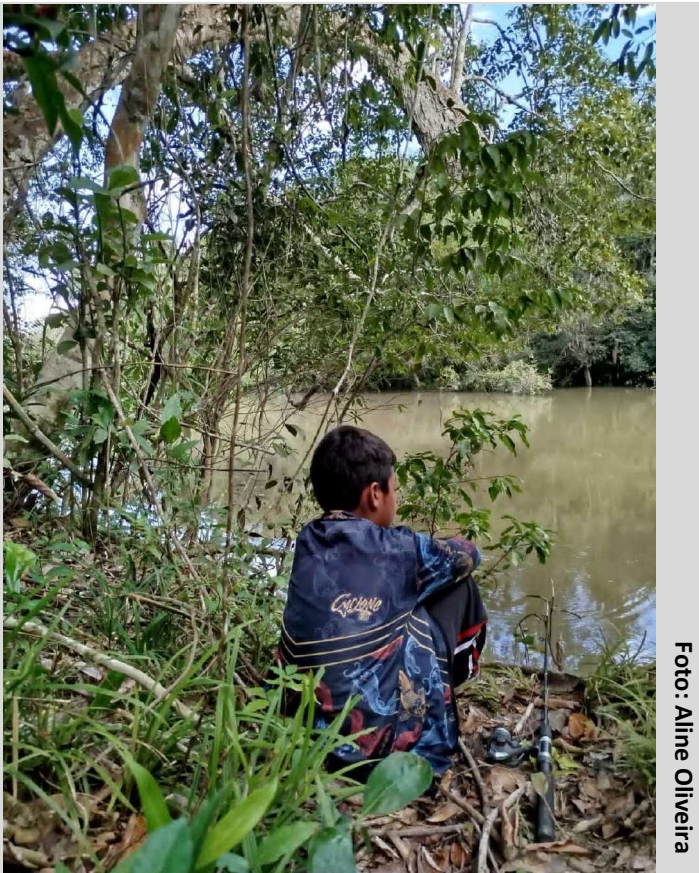


Foto: Aline Oliveira

“Os sonhos não envelhecem”. Foi com essa frase, retirada da música *Clube da Esquina II*, que iniciei a trajetória de escrita da minha dissertação. A escolha dessa frase reflete a realização de um sonho: o de visitar a antropologia e resgatar projetos que estavam guardados nas gavetas da vida. Afinal, retornei à aldeia Kopenoty, no Estado do Mato Grosso, Brasil, dezessete anos depois de ter pisado pela primeira vez naquele chão de terra batida e vermelha.

A minha entrada no mestrado em “Antropologia, Globalização e Crises Climáticas”, na Universidade

de Coimbra, trouxe inicialmente a intenção de escrever uma tese essencialmente teórica. A ideia era comparar duas epistemologias indígenas, buscando evidenciar e valorizar as contribuições de formas de produção acadêmica não ocidentais. Com isso, não planejava realizar trabalho de campo, já que o deslocamento até a aldeia exigiria recursos financeiros que, como estudante, eu não possuía.

Havia uma frustração em minha decisão, pois foram os Terena do Norte (assim se identificam) que, lá atrás, entre 2006 e 2007, me ensinaram o que é a antropologia. Naquele momento, ainda na condição de Assistente Social, tive a oportunidade de vivenciar, com esse povo, minha primeira experiência antropológica – sem teorias, sem distinção entre antropologia e etnografia. Eu levava comigo apenas o desejo de realizar um trabalho que buscava o fortalecimento dos vínculos dessa comunidade, além da defesa e promoção dos direitos sociais por meio das políticas públicas vigentes à época, especialmente através do programa do Governo Federal Brasileiro.

Contextualizar essa trajetória é fundamental, pois desde o início do mestrado o meu objetivo estava relacionado a realizar um trabalho de campo com os Terena, uma vez que no final de 2006 acompanhei o processo de transição para a então reivindicada Terra Indígena Iriri Novo, na Amazônia Brasileira. Essa terra representava uma oportunidade de retomada do modo de vida e de ser Terena, após uma luta que já se estendia por quase duas décadas. Foi um processo que pude vivenciar de perto e, posteriormente, acompanhar à distância – via ali uma oportunidade de desenvolver um trabalho documental que registrasse os deslocamentos migratórios do povo Terena (para lá da participação que tiveram na Guerra do Paraguai), as perdas sofridas ao longo dos caminhos, além dos trânsitos de resistência que os conduziram até a Terra Indígena Iriri.

Além disso, cultivava em mim a curiosidade de entender como os Terena, acadêmicos e não acadêmicos, constroem o fazer-saber-científico dentro e fora de suas aldeias. Acredito na riqueza das trocas de saberes e na possibilidade de estabelecer uma relação entre pesquisadora e pesquisadores, por meio de uma antropologia que se distancia da antropologia clássica. Minha intenção era trabalhar com uma perspectiva colaborativa e dialógica, uma antropologia que envolvesse mais vozes e olhares, uma antropologia “pluridiversa”, tal como os Terena.

No último ano do mestrado, fui surpreendida pela notícia de uma bolsa de estudo específica para acadêmicos indígenas ou para aquelas interessadas em realizar trabalho de campo com populações indígenas. Em novembro de 2023, submeti meu projeto e fui contemplada pela bolsa da Sociedade para a Antropologia das Terras Baixas da América do Sul (SALSA). O (re)encontro, marcado por proximidades e distanciamentos, ocorreu entre o final de março e o final de maio de 2024. Em três meses de trabalho de campo observei a ética e a responsabilidade envolvidas no retorno a esse território. Em uma chamada telefônica com o Cacique José Carlos, da Aldeia Kopenoty, ele afirmou: *“A Aline, como amiga, é bem-vinda. Como pesquisadora, precisarei de uma reunião com as lideranças e a comunidade Terena, para que haja segurança para ambos os lados.”*

A fala do Cacique expõe um sentimento recorrente: o cansaço em relação a pesquisadores que visitam as aldeias, coletam dados e, em seguida, desaparecem, sem retornar. Apesar de meu trabalho anterior ter construído vínculos, minha presença como pesquisadora assumiu um novo significado, marcado por instituições. Esse ponto foi crucial para a colaboração que se deu no âmbito da minha dissertação. Entre acordos, uma questão foi enfatizada por mim - a construção conjunta de dados com os professores indígenas e

com aqueles que, assim como eu, estavam em processo de formação como mestrandos.

Essa dinâmica trouxe uma configuração peculiar ao campo, na qual as relações ultrapassaram os resquícios de uma antropologia clássica, ainda que diferentes posições fossem mantidas – e em circularidades. Em outras palavras, o trabalho de campo se deu em pares: entre uma mestranda e mestres, mestrandos indígenas e, principalmente, com a sabedoria ancestral disponibilizada nos diálogos com os anciãos e anciãs: as bibliotecas vivas das aldeias do povo Terena do Norte. ■



Foto: Aline Oliveira